

Crime — remorso — paixão

Uma leitura teológica do «São Paulo» de Teixeira de Pascoaes

O *S. Paulo* surge, no conjunto da bibliografia de Pascoaes, em 1934. O Poeta virara-se já completamente para a prosa. E esta viragem que ele procurava justificar, em *Os poetas lusíadas* (1919), por um «excesso de inspiração»¹, reverte, como desforço necessário, para a análise dos grandes «espirituais» que começará a constituir, a partir de 1934, a preocupação maior da sua obra. Sua irmã Maria da Glória, no seu livro de memórias, refere que ele dizia muitas vezes: «O Poeta morreu, a idade de ser poeta passou. Voltei-me para a prosa, vingando-me, massacrando os meus biografados»². E é assim que Pascoaes, escrevendo em prosa, nunca deixou de ser poeta.

Esta observação preliminar, quando nos abeiramos do *S. Paulo*, início das «grandes biografias», deve ser retida como uma das suas chaves de leitura. Não se trata, de facto, de um livro histórico, embora o Poeta se tenha preparado, para o escrever, documentando-se sobre a figura do Apóstolo e os primeiros tempos do Cristianismo³. Não estamos sequer perante um livro de «teologia». Sendo a teologia, «a matemática do Divino»⁴, como poderia ser teológico

¹ *Os poetas lusíadas*: «A afinação interior é que dá o verso ou a prosa. Nesta, o ritmo dispersa-se: é como um licor entornado. No verso, o ritmo concentra-se: é como um licor dentro dum cálice cristalino. Há poetas que escrevem em prosa por um excesso de inspiração. O cálice enche-se e transborda» (p. 220).

² Maria da Glória TEIXEIRA DE VASCONCELLOS, *Olhando para trás, vejo Pascoaes*, Lisboa, 1971, pp. 63-64.

³ Carta de 7-12-1931 a Suzanne Jeusse: «Continuo a estudar o S. Paulo e os primeiros tempos do Cristianismo, o único período em que a Humanidade viveu pelo e para o espírito», *Seara Nova*, 1966, p. 119.

⁴ *Cartas a uma Poetisa* (inédito), carta de 24-7-1911, p. 138.

um livro escrito em ondas abrasadas de paixão, cedendo «apenas a uma necessidade espiritual de revelação ou confissão»⁵? Estamos, sim, diante de uma obra de poesia. Poesia, com maiúscula, como Pascoaes a entende, «síntese superior da Religião, das artes e da filosofia»⁶. Poesia, «a Teologia dos heréticos»⁷.

E tantas outras citações poderíamos aqui reunir para nos convenceremos da carga apologética desta frase do Prefácio do *S. Paulo*: «Nem este livro será para eruditos; mas, sim, para as almas ansiosas, que esperam a luz do dia. Compu-lo na minha linguagem falada, pois ignoro a escrita, seguindo um critério poético ou verdadeiro, que a Poesia é o reino da Verdade, como a Realidade é o da Ciência»⁸.

Falamos de «carga apologética», porque tal intenção parece-nos dever deduzir-se destas palavras da correspondência do Poeta ao P. António de Magalhães, S.J.: «Se existe, porventura, algum merecimento no meu *S. Paulo*, é que nele aparece a verdade religiosa dum modo que não pode ser atacado pela dialéctica científica»⁹. A «verdade religiosa» não é outra coisa senão a religião, como «Revelação instintiva ou consciente (poesia pura e ciência pura)»¹⁰. Ele não faz qualquer demonstração desta «verdade», mas deixa-a transbordar de si próprio. E é assim também que esta «verdade» não pode ser atacada pela dialéctica científica, porque caem silogismos e dogmas perante a confissão existencial do «verdadeiro sentimento poético» que «é sempre religioso»¹¹. Este facto aceita-se ou recusa-se, não se demonstra.

Tratando-se, pois, de uma obra de «poesia pura»¹², o que intentaremos fazer, no estudo do *S. Paulo*, é descobrir a trama religiosa,

⁵ *S. Jerónimo e a trovoadas*: «Nesta biografia de Jerónimo, como na de Paulo, como em todos os meus livros, não obedeci a nenhum pensamento preconcebido, a nenhuma intenção agressiva ou defensiva deste ou daquele Credo, tanto religioso, como político. Escrevendo, cedo apenas a uma necessidade espiritual de revelação ou confissão. Cumpro uma lei da Vida» (p. 14).

⁶ *Conferência*, pp. 6-7.

⁷ *O homem universal*: «Se a curiosidade científica não ultrapassa a região fenomenal, deixem à Poesia, que é a Teologia dos heréticos, essa ambição, aliás inofensiva» (p. 147).

⁸ *S. Paulo*, p. 11.

⁹ Carta de 26-10-1940, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 29 (1973), p. 157.

¹⁰ *S. Paulo*, p. 16.

¹¹ *Arte de ser português*: «Entre a Poesia e a Religião, há estreitos laços de parentesco. O verdadeiro sentimento poético é sempre religioso, porque transcende a realidade sem a desnaturar» (p. 123).

¹² *Cartas a uma Poetisa* (inédito), carta de 20-3-1908: «Sou um temperamento religioso por fatalidade lusada e inclinação estética. (...) A religião é poesia pura. (...) Religião quer dizer Estética» (pp. 4-5).

por assim dizer, da concepção de Pascoaes. Não nos interessa tanto estabelecer um padrão objectivo de leitura, isto é, demarcar se a «teologia» de Pascoaes corresponde ou não à «teologia» de Paulo, quanto tentar penetrar no âmago da cogitação do Poeta, para descobrir aí o fulcro vital da sua visão do Apóstolo.

Chamamos-lhe «leitura teológica». Não é uma análise literária ou filosófica, o que pretendemos. É, sim, revelar a vibração religiosa de um poeta apaixonado pelo Absoluto cristão. E esta revelação torna-se teologia: o homem todo que procura, no itinerário do espírito, um caminho de união com Deus.

I. Posição do «S. Paulo» no conjunto da obra de Pascoaes

Quando Pascoaes, em carta a Cacilda Pinto Coelho de Castro, datada de Amarante, Páscoa 1908, afirma: «O meu Deus é o de Paulo e Gil Vicente»¹³, não podemos, com certeza, deduzir desta afirmação, se ele, já nessa altura, se teria começado a interessar pela figura do Apóstolo. Tendo o Poeta aprontado para a imprensa estas cartas, em 13-3-1938¹⁴, «depois de lhes apurar o estilo e o conteúdo», e dizendo ainda no *Prefácio* que pertence ao presente a «parte crítica» desta correspondência e ao passado a «narrativa»¹⁵, ficamos sem saber exactamente se a referência a Paulo corresponde ao pensamento do Pascoaes de 1908 ou, pelo contrário, ao do Poeta já autor da biografia do Santo¹⁶.

Parece-nos, no entanto, não ser temerário atribuir-lhe, já em 1908, um certo interesse por S. Paulo. Aliás, é do mesmo ano esta outra citação: «Houve dois milagres na terra: Fídias esculpindo Apolo, Paulo gerando Cristo»¹⁷. Como é de 1907 a frase miste-

¹³ *Ibid.*, p. 72.

¹⁴ Data final do exemplar dactilografado de *Cartas a uma Poetisa*, pertencente à Sr.ª D. Adelaide Barros Teixeira Couto, afilhada de Pascoaes.

¹⁵ *Cartas a uma Poetisa*: «Para satisfazer uma antiga promessa, publico as seguintes cartas, depois de lhes apurar o estilo e o conteúdo. Actualizei-as, sem as roubar à sua época. Têm vinte e nove anos, e aparentam alguns meses de existência. Nesta mistura de passado e presente, predomina aquele; pertence-lhe a parte narrativa e, no presente, a parte crítica» (p. 1).

¹⁶ O confronto dos originais das cartas, cujo paradeiro desconhecemos, com o exemplar dactilografado, seria, neste, como noutros pontos, muito iluminante.

¹⁸ *Cartas a uma Poetisa* (inédito), carta de 3-4-1908, p. 33.

riosa que aparece na polémica sobre «o sentido da vida»: «*Ab initio* era o espírito, segundo São Paulo, ou o éter, segundo Haeckel»¹⁸.

Depois da campanha saudosista que compreende, *grosso modo*, os anos 1910-1914; depois da experiência forense; depois da desilusão amorosa; o recolhimento, no Solar de São João de Gatão, prepara o Poeta para o encontro com Paulo. Neste tempo intermédio (1914-1934), Pascoaes publica *Arte de ser português* (1915), que compendia, numa espécie de «manual», o cerne do Saudosismo; *Os poetas lusíadas* (1919), em que reuniu as conferências sobre Literatura Portuguesa, proferidas em Barcelona no Institut d'Estudis Catalans, em Junho-Julho do ano anterior; e uma série de obras menores ou pequenos opúsculos, entre os quais distinguimos *Verbo escuro* (1914) e *Livro de memórias*, de 1927.

O *bailado*, de 1921, e *O pobre tolo* (versão em prosa), de 1924, formam um díptico, em que o Poeta se analisa, fazendo passar pela memória «uma espécie de romaria»¹⁹, constituída pelas pessoas fabulosas do seu passado; e, na outra vertente, o «tolo», solitário burro a que Pascoaes satiricamente se compara, representa a síntese da sua própria alma²⁰. Síntese que paira, suspensa, «entre a realidade inferior e o sonho etéreo»²¹. *O pobre tolo*, «o fundo demoníaco do desencanto»²², diria o P. António de Magalhães...

A obra de Pascoaes chega assim a um beco sem saída. *As elegias*, última das suas grandes obras em verso, são de 1912. E é significativo que o Poeta teime em voltar a elas na *Elegia da solidão* (1920) e na *Elegia do amor* (na 2.ª edição da *Vida etérea*, 1924), como a dizer-nos que a sua Musa-Saudade se transformou na tristeza plangente de uma ausência.

A prosa começa a robustecer-se, mas enleando-se, cada vez mais, nos meandros da memória, tornando mais agudas as feridas da sua existência fracassada. Pascoaes vivia afastado dos centros

¹⁸ *A Vida*, 3.º Ano, n.º 107, de 18-8-1907. Cf. Mário GARCIA, *Teixeira de Pascoaes*, Braga, 1976, p. 287.

¹⁹ *Epistolário ibérico*, carta de Pascoaes a Unamuno, de 5-8-1920: «O meu trabalho tem sido coligir os meus livros que estão todos prontos a entrar no prelo. Além disso, tenho dois livros inéditos e concluídos: um drama em verso branco [*D. Carlos?*] e um livro em prosa [*O bailado*] um pouco no género do meu *Verbo Escuro*, tendo apenas um assunto e imensas personagens — quase todas as pessoas da minha terra que eu conheci. É uma espécie de romaria» (p. 25).

²⁰ *O bailado*: «Analisando-me, verá o leitor quem eu não sou. É o caso deste livro. Sintetizando-me, verá quem eu sou. Eis o assunto de outro livro [*O pobre tolo*]» (VIII, p. 319).

²¹ *O pobre tolo*, IX, p. 110.

²² «Visita a Pascoaes», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 29 (1973), p. 168.

intelectuais do País. Coimbra e a Universidade pertencem ao passado idílico e boémio; Lisboa, onde permanece algumas temporadas, interessa-lhe pela tertúlia da *Brasileira* do Chiado e, sobretudo, por Raul Brandão, «o melhor amigo que tive em Portugal e um dos maiores intérpretes da Dor humana»²³, com quem escreve o *Jesus Cristo em Lisboa* (1924). Mas Raul Brandão prolonga-lhe ainda mais a solidão, quando o deixa, para ir à outra margem da vida, em Dezembro de 1931.

Não é sem pintar, a lágrimas de fogo, a sua imagem, que ele grita em *A nossa fome* (1923), amalgamado às rochas da serra do Marão: «Sentimo-nos esmagados. Queremos fugir! Impossível! Petrificamos também. Somos um penedo a mais na solidão»²⁴.

É deste penedo, situado na montanha primigénia da sua eterna inspiração, que surge, paradoxalmente, a lava da vitória sobre o caos. O *São Paulo* investe poderoso contra o vazio a que havia chegado a sua obra, reflexo de uma vida que há muito ultrapassara já o ardor da juventude.

A posição central que o *São Paulo* assume, na bibliografia de Pascoaes, é o de conglomerador dinâmico de uma inspiração em crise, ressuscitando-a para um novo modo de ser. O Poeta como que se apossa da figura do Apóstolo para fazer dela um sonho de redenção universal. Se no período da euforia saudosista e sobretudo depois da polémica com António Sérgio sobre o valor da educação do povo português²⁵, Pascoaes quase identificara com os fantasmas do seu próprio espírito, o credo religioso da nação inteira²⁶; agora, no período do recolhimento, é Paulo quem se faz arauto da salvação do «homem universal», espalhando em toda a terra a paixão divina²⁷. Como o *Jesus e Pã* marcara, em 1903, o início da 2.ª fase da poesia de Pascoaes e despertara nele a evangelização da Saudade revelada; agora, depois do fracasso da política activa, o *São Paulo* inicia a 2.ª fase, e a mais esplendorosa,

²³ Carta de Pascoaes a sua irmã Maria da Glória, de 6-12-1931. Cf. M. da Glória TEIXEIRA DE VASCONCELLOS, *Olhando para trás, vejo Pascoaes*, p. 151.

²⁴ «A nossa fome», in *Poesia de Teixeira de Pascoaes* (ed. de Mário CESARINY), p. 159.

²⁵ Cf. M. GARCIA, *Teixeira de Pascoaes*, cap. I da 2.ª Parte B: «A campanha saudosista e a polémica com António Sérgio», pp. 159-192 (sbt. pp. 177-179).

²⁶ Cf., por exemplo, *O génio português, na sua expressão filosófica, poética e religiosa*: «Vejo esboçar-se um grande Altar, e sobre ele a Imagem da Saudade, a alma da minha raça eleita, escolhida por Deus para a sua nova reencarnação» (p. 49).

²⁷ *São Paulo*: «Paulo é um incêndio inextinguível, paixão que não desfalece, luta sem tréguas» (p. 169).

da sua prosa poética. Conserva, portanto, uma posição de charneira, no decurso da vida literária de um homem sempre possuído pelo Absoluto.

Aquele «homem superior»²⁸, que o Poeta anunciara em 1914, na 1.ª Parte de *A era lusíada*, não é já o depositário das características de uma raça eleita, mas a «sobrehumanização» do homem comum, «não à Nietzsche, mas à São Paulo traduzido para moderno»²⁹, como ele mais tarde explicará. Todo o esforço de Pascoaes, ao contacto com a alma de Paulo, será precisamente chamar «as almas ansiosas que esperam a luz do dia»³⁰ para a realidade do mundo sobrenatural. Mas este mundo sobrenatural, eivado de desespero e angústia, apresenta-se, à consideração do leitor da sua obra, construído com as sombras da caverna platónica que é este mundo «criminoso» em que vivemos³¹.

A figura luminosa de Deus é penetrada constantemente pela treva do mal. Como os antigos hereges marcionitas, também Pascoaes transfere para a divindade, Jeová, o deus imperfeito da criação material, o «pecado» que vitimou o homem na sua origem. Como diz Leonardo Coimbra: «Ou Deus se altera criando e peca, ou um poder malévolos altera a criação de Deus: imanentismo ou maniqueísmo. É, com efeito, entre estas duas atitudes que quase sempre oscila a emoção do poeta»³². Leonardo fala só a propósito do *São Paulo* desta dicotomia intelectual de base. Mas este duelo cósmico que macula o próprio Deus, vai crescendo ao longo das outras biografias posteriores à do Apóstolo. Como uma bola de neve que se despenha do cimo da montanha: cada vez maior, mas sempre mais impura até não ser possível distinguir a escória do miolo.

Dir-se-ia que o Poeta não é capaz de aceitar a humildade de uma doação ao puro bem que o atrai, porque lhe falta uma alteridade pessoal de amor. «Em Pascoaes, parece que o amor

²⁸ *A era lusíada*: «Alguém virá que realize a grande obra necessária ao nosso ressurgimento. Há-de aparecer o homem superior, cujo espírito seja a própria condensação, em definidas formas novas de actividade, das tradições políticas e religiosas do País» (p. 25).

²⁹ «A velhice do Poeta», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, 29 (1973): «Sim, o destino do homem é exceder a Zoologia e o seu próprio ser, isto é, sobrehumanizar-se, não à Nietzsche, mas à São Paulo traduzido para moderno» (p. 136).

³⁰ *São Paulo*, p. 11.

³¹ *Ibid.*, p. 17.

³² Leonardo COIMBRA, «São Paulo de Teixeira de Pascoaes», *Museu* (n.º único), 1934, p. 10.

esfria na união com a inteligência. A imanência do seu conhecimento confunde-se com o seu amor universal»³³. E universal tem, aqui, o sentido de cósmico, despersonalizante. Só uma pequenina luz saudosa persiste: o desejo da infância eterna que vai tomando, a par dos grandes «espirituais» por quem se apaixonou, diversos modos de ser. Vejamo-lo brevemente.

São Jerónimo e a trovoada (1936), dedicado a Miguel de Unamuno³⁴, vive da dialéctica dilacerante de um maniqueísmo moral. «O bem resultou do mal consciente, por espontânea reacção. O bem é o mal reagindo contra si mesmo, alcançando a origem divina, esse *princípio* exterior aos fenómenos, determinando-os e orientando-os no sentido da sua vontade misteriosa»³⁵. Pascoaes compraz-se em acentuar esta luta entre o mal e o bem, de todas as maneiras. E, na alma de Jerónimo, o duelo entre o espírito pagão (o «pecado» da matéria) é simbolizado na figura de Cícero, representante da literatura clássica, que tanto entusiasmará o Santo³⁶; e a ascese do austero penitente que golpeia o peito com pedras do deserto, está aqui a fazer as vezes do «remorso» de Paulo, pelo crime da lapidação de Estêvão. Jerónimo redime-se somente por uma espécie de sentimento místico, em que Deus, o Deus das lágrimas redentoras, fora das leis espaço-temporais da nossa «espessura carnal», soluça na dor universal que no homem se torna consciente.

«O próprio Deus nos aparece disfarçado, envolto numa névoa sentimental, que nos toma o coração. E por isso, o nosso conhecimento da Divindade é apenas uma nuvem misteriosa, que relampeja nas palavras dos Profetas. Mas quase sempre se condensa em lágrimas nos olhos dos penitentes»³⁷. Temos, pois, na luta de forças sobrenaturais antagónicas, o homem a derivar de Satã para Cristo, da criação pagã para a redenção cristã, vivendo sempre o drama incomensurável da indecisão por alguma destas duas partes. Eis a tragédia do ser.

É esta uma ideia já acenada no *São Paulo*, mas aí o Apóstolo deixa-se guiar pelo *sim* de uma resposta totalizante. Não pára nem

³³ João MENDES, «Teixeira de Pascoaes e o sentimento religioso da sua obra», *Brotéria*, 56 (1953), p. 105.

³⁴ *Epistolário ibérico*, carta de Pascoaes a Unamuno, 29-9-1934: «Escrevo-lhe esta carta para lhe pedir licença de que me permita oferecer-lhe o *São Jerónimo e a trovoada*, que já concluí. Será a minha humilde homenagem ao seu génio imortal» (p. 29).

³⁵ *S. Jerónimo e a trovoada*, p. 54.

³⁶ *Ibid.*, p. 58. Cf. João MENDES, «S. Jerónimo e a trovoada», *Brotéria*, 23 (1936), p. 221.

³⁷ *S. Jerónimo e a trovoada*, p. 84.

descansa, porque o consome um desejo infinito que nada de criado pode preencher. Em Jerónimo, a «névoa» obscurece a dádiva da fé, dando-lhe a tragédia do desespero que só não é mortal porque, no fim dos seus dias, o leão encontra, no mais fundo da gruta de Belém, uma criança divina que o sossega. «Cada ser traz consigo, do ventre materno, uma potência original, maior ou menor, da qual depende a sua duração ou resistência à morte, pois a vida é uma vitória constante sobre a morte»³⁸.

Napoleão (1940) é o «drama político, depois da tragédia religiosa»³⁹. «O misticismo em luta com o heroísmo será o drama perpétuo da sua vida. A sua vida será um duelo constante entre o místico e o herói, entre ele e a humanidade, entre o cônsul e o imperador, ou entre o Filho e o Pai, conforme a teologia do Anticristo»⁴⁰.

Tal dicotomia reflecte-se no espelho interior de uma crença sempre oscilante: «Não há acção sem dois princípios contrários. Não vivemos, morrendo? Vivemos porque morremos; e acreditamos porque descremos; acreditamos, descrendo... E acreditar, não será querer acreditar?»⁴¹. É por este *querer* de glória, que Napoleão consegue sobreviver ao descabro do seu próprio sonho e regressa ao penedo solitário de Santa Helena, «emergido das águas infinitas»⁴², qual gruta de Jerónimo, curtindo ali o remorso purificador do romance que foi a sua vida.

Paulo está presente, em Napoleão, por antítese. O Imperador faz-se a si próprio, espezinhando o mundo inteiro, para que ele seja desmedido; Paulo anula-se numa paixão redentora sem fim, que revaloriza o homem ao nível do próprio Deus salvador. Como se Pascoaes tivesse querido, no mar de lágrimas com que banha o seu S. Paulo, mostrar-nos o colo suave de Deus Pai: «Paulo e os seus entram na nau, que balouça nas ondas: casca de noz, levando, dentro dela, um novo mundo. Os irmãos de Éfeso, apinhados na praia, contemplam, através das lágrimas, o navio a afastar-se, vagarosamente, ao som dos remos, que ferem de branco o mar azul»⁴³.

³⁸ *Ibid.*, p. 181.

³⁹ Carta de Pascoaes ao P. António de Magalhães, de 26-10-1940, *Revista Portuguesa de Filosofia*, 29 (1973), p. 158.

⁴⁰ *Napoleão*, p. 42.

⁴¹ *Ibid.*, p. 103.

⁴² *Ibid.*, p. 406.

⁴³ *São Paulo*, p. 201.

Camilo Castelo Branco, *O penitente* (1942), é dominado pelo destino trágico de uma penitência sem causa precedente. Se Paulo vivifica o «remorso» da sua conversão pela certeza da expansão do Reino de Deus, Camilo sofre e desespera até ao suicídio, pelo facto de simplesmente ter nascido. «Viver é expiar o crime de nascer»⁴⁴. O seu drama é «a luta moral entre o teísta, que pressente a Divindade, e o ateu que a vê negada pelos acontecimentos sublunares»⁴⁵. Presa de constantes contradições, esta existência trágica, representa, no Grande Teatro do Mundo, o próprio drama do Cristianismo: «Chegamos sempre, nos dois escritores [Camilo e Dostoiewski] ao crime e ao remorso, duas forças em conflito de que resulta o nosso drama, o interesse máximo da vida. Este conflito, num plano superior, é todo o Cristianismo»⁴⁶. Mas Camilo, o Penitente, também chora as lágrimas saudosas da infância eterna e nelas encontra a paz, como Paulo, na praia de Éfeso, Jerónimo, na gruta de Belém, e Napoleão, no seu rochedo solitário.

Aproamos, finalmente, ao *Santo Agostinho* (1945). Pascoaes, aqui, por um esforço conciliador entre a crença e a descrença, instala-se num terreno intermédio, o *ateotéismo*, em que «Deus depende da luta entre os que o negam e os que o afirmam»⁴⁷. Observa, no epílogo deste livro, que o escreveu «para os ateus inconformáveis ou idealistas, os ateoteístas»⁴⁸. São aqueles que procuram a Deus no deserto da vida num esforço desesperado para ressuscitar o Cristo do Calvário: «Cristo jaz ainda no túmulo, à espera do *terceiro dia* da Humanidade, para ressuscitar de entre os mortos, e ficar no meio deles»⁴⁹.

Em *Agostinho* predomina, segundo Pascoaes, o filósofo sobre o santo e, porque «o santo crê e o filósofo duvida»⁵⁰, Santo Agostinho perdeu-se, na mente de Pascoaes, num revolver monótono de «estéreis fantasmagorias»⁵¹. Apenas se salva pelo regresso, cada

⁴⁴ *O penitente*, p. 18.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 323.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 257.

⁴⁷ *Santo Agostinho*, p. 311.

⁴⁸ *Ibid.*, epílogo.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 168.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 214.

⁵¹ João MENDES, «Santo Agostinho ou Teixeira de Pascoaes?», *Brotéria*, 41 (1945): «Os vinte e quatro capítulos deste livro pouco acrescentam uns aos outros. Dir-se-iam o revolver dum caleidoscópio, à procura de novas e insaciáveis combinações dos mesmos dados, sem atinar com um mistério apenas pressentido, e que seria a explicação de todas aquelas maravilhosas mas estéreis fantasmagorias» (p. 522).

vez mais sentido, para o colo de sua mãe, «até lhe ficar deitado nos braços, como uma cópia da *Pietà*»⁵². Nesse colo, está todo o mar da paz de Deus. Mas o homem, habitando o labirinto da criação contingente, é «um animal falhado»⁵³, e a religião, busca desesperada, uma «tragédia», em que «só possuímos Deus como sentimento da nossa alma dolorida»⁵⁴.

Gostaríamos de sublinhar ainda, ao fim desta rápida visão pelo itinerário intelectual do ciclo das «grandes biografias», como as duas obras, *O homem universal* (1937) e *Duplo passeio* (1942), que lhes são contemporâneas, reforçam a nota de apologética explícita de «um caminho que não possa ser obstruído pelos dados da ciência»⁵⁵, já patente na intenção do *São Paulo*⁵⁶.

Como nos levaria demasiado longe, intentar agora aprofundar cada uma destas duas sérias tomadas de posição no campo dos princípios metafísicos e religioso-místicos e porque algo já realizámos no nosso *Teixeira de Pascoaes*⁵⁷, parece-nos poder compendiar o método do autor do *São Paulo*, nesta frase do *Duplo passeio*: «Cristo não é da Teologia, é da Poesia. A sua divindade não se demonstra: revela-se ao nosso coração»⁵⁸. Voltamos, assim, à origem deste estudo, e podemos começar a ver Paulo pelos olhos e pelo coração de Pascoaes, de um Pascoaes que evoluiu, através de um período de crise, da concepção extrínseca de um panteísmo político-sentimental (o Saudosismo), para a experiência «mística» natural de um Deus que se reflecte na dor da Sua ausência em nós, no exílio do homem abandonado à sua própria experiência.

E é caso para terminarmos com palavras de Pascoaes, que assim escreveu, em 1925, a Bernardo de Vasconcelos, o santo monge beneditino, seu grande amigo:

«E eu quem sou? Um ser miserável, ansioso de Divindade, a querer libertar-se do mundo, a debater-se nas trevas, aflito de não atingir as regiões etéreas da luz. O meu sentimento, faminto de

⁵² *Santo Agostinho*, p. 305.

⁵³ *Ibid.*, p. 182.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 319.

⁵⁵ Carta de Pascoaes ao P. António de Magalhães, de 17-12-1940: «No Passeio chegarei às mesmas conclusões da Teologia, mas seguindo um caminho novo ou, melhor, um caminho que não possa ser obstruído pelos dados da ciência. É a minha grande preocupação, a minha única preocupação», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 29 (1973), p. 159.

⁵⁶ Cf. carta ao P. António de Magalhães, de 26-10-1940, *ibid.*, p. 157.

⁵⁷ Cf. M. GARCIA, *Teixeira de Pascoaes*, cap. IV da 2.ª Parte B: «O Homem universal e Duplo passeio», pp. 237-247.

⁵⁸ *Duplo passeio*, p. 97 (1.ª edição).

Deus, deseja tornar-se independente da Razão, dessa claridade artificial que materializa todas as cousas sobre que incide, e amesquinha todas as grandezas pressentidas, e tenta definir o que é infinito. O sentimento é uma sombra emanada das Alturas; a razão é uma luz saída do Inferno. Sentindo, vejo Deus; pensando, deixo de o ver. O sentimento e a razão digladiam-se no meu ser que é um campo de batalha, um palco de tragédias, onde um anjo e um demónio lutam pela posse da minha alma»⁵⁹.

II. Para uma leitura teológica do «São Paulo»

«Desejaria mostrá-lo — diz Pascoaes, a respeito de Paulo — a uma luz que, revelando as figuras, completa-as»⁶⁰. Esta luz incide sobre o homem eterno irrompendo dialecticamente do judeu de Tarso, produto da lembrança, e do homem, filho da esperança. Em Paulo, esta irrupção de luz coincide com o relâmpago da estrada de Damasco, «estrada que tantos desejariam percorrer, para receberem, na frente, a mesma pancada esplendorosa, que os acordasse e fizesse abrir os olhos»⁶¹.

Devemos considerar, no entanto, os pródromos desta conversão que, para Pascoaes, se iniciam no acto da lapidação de Estêvão, o «crime» de Paulo. «Apaixonado por Jesus, transformou a sua paixão em religião»⁶². «Mas o remorso é que lhe deu actividade missionária, remissora do seu crime»⁶³. Temos já aqui delineado um processo dinâmico formalmente teológico, na medida em que se procura explicar como corresponde o homem à iniciativa divina da salvação. Em Paulo, está presente o «homem universal», tocado pela graça que o recria.

Teremos ocasião de mostrar como Pascoaes interpreta existencialmente o mistério pascal de Cristo, na díade crime-remorso da conversão de Paulo, dando embora a primazia à primeira parte desta dicotomia, acentuando o carácter trágico da existência humana, que repete, a seu modo, o drama da criação universal.

⁵⁹ Carta de Pascoaes a Bernardo de Vasconcelos, de 1-6-1925. Cf. A. DE MAGALHÃES, «Na morte de Teixeira de Pascoaes», *Brotéria*, 56 (1953), pp. 166-167.

⁶⁰ *São Paulo*, p. 11.

⁶¹ *Ibid.*, p. 12.

⁶² *Ibid.*, p. 12.

⁶³ *Ibid.*, p. 13. Cf. também p. 91.

Com efeito, o homem define-se essencialmente como «pecado»⁶⁴ e, ao mesmo tempo, «a faculdade intelectual da Natureza»⁶⁵. Como tal, ele é o único ser criado que tem consciência da «imperfeição» da criação, fruto do «pecado» de Deus, actuado no próprio acto criador. Jesus vem revelar-nos o arrependimento de Deus, a correcção da criatura, o seu «remorso» salvador. No remorso, encontra-se toda a essência do Novo Testamento; no crime ou «pecado», a Antiga Lei; no remorso do crime, todo o Cristianismo.

Foi Paulo quem deu um significado universal ao remorso de Deus, encarnado em Jesus. «A sua existência [de Paulo] é confissão do seu pecado e do seu remorso, transfigurados, por virtude do seu génio sublime, no Espírito criador e no seu enviado, Jesus Cristo. É a religião cristã, a religião suprema da esperança, pois nasceu do crime e do remorso, do desespero»⁶⁶.

A leitura teológica que intentamos empreender, progredirá, em círculos concêntricos, a partir deste núcleo inicial. Veremos, por razões de clareza em fases sucessivas, os três momentos dialécticos, crime — remorso — paixão, para apresentarmos, depois, como conclusão, alguns pontos centrais da teologia de Paulo, em confronto com a visão religiosa de Pascoaes.

O *São Paulo* será lido por nós em chave teológica, isto é, num sistema por nós organizado constituído pelas linhas de força fundamentais que percorrem uma obra religiosa. Nela, o seu autor confessa uma determinada experiência de Deus e do seu Cristo. A leitura que fazemos, parece-nos ser dessa experiência, o reflexo mais complexivo e profundo.

1. *Lapidação de Estêvão: o «crime» de Paulo*

A figura de Estêvão adquire, no *São Paulo*, um valor simbólico de primeira grandeza. É tão importante, que a conversão de Paulo — no ano 37, segundo Pascoaes⁶⁷ — é o termo de um

⁶⁴ *Ibid.*, p. 15: «A criação é imperfeita; e, por isso, o homem é o pecado. Criar é ofender a lei, é um acto criminoso. Deus, que é vida, sonhou a existência, a morte. E realizou o seu desejo em Adão e Eva. Realizou, pecou. O pecado, ou o crime, está na origem de todas as coisas».

⁶⁵ *Ibid.*, p. 17: «A Natureza espiritualiza-se, através do homem, que é a própria consciência universal. O homem é a faculdade intelectual da Natureza».

⁶⁶ *Ibid.*, p. 26.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 41.

processo que começa quando o Apóstolo encontra o Protomártir. «O Santo começa a formar-se, nele, na hora suprema do seu crime, quando, novo ainda, tem, aos pés, as vestes dos que lapidavam Santo Estêvão»⁶⁸.

Desde o ano 24, em que Paulo deixa Tarso para subir a Jerusalém⁶⁹, até à Primavera de 37, «medeia uma faixa escura»⁷⁰, em que o jovem Saulo «estuda a Lei e frequenta a praça pública»⁷¹. O seu temperamento incandescente, «tem já em brasa o coração que há-de incendiar o mundo»⁷² e ele «convive com os zelotas, seus parentes no ânimo acendido»⁷³. Foram estes, bem mais do que Gamaliel, homem liberal e bondoso, que influíram naquele jovem judeu e o transformaram em feroz correligionário⁷⁴.

Se acompanhamos, ao longo de todo o *São Paulo*, o reassumir progressivo do momento antes de Damasco, notamos que Pascoaes vai explicando o dinamismo missionário do seu herói, através de um aprofundamento da sua consciência criminoso. Sempre o acompanhará «o fantasma de Estêvão, esse anjo sacrificado ao seu destino»⁷⁵. A conversão, como veremos adiante, não anula, ao nível da vivência, o «crime» de Paulo; «o remorso não anula o acto criminoso»⁷⁶, confere-lhe uma positividade redentora, através de uma paixão sempre activa. Estêvão congrega, como tipo, essa negatividade-positividade descoberta por Paulo em Jesus Cristo, o Deus da sua vítima, que ele transformará no Deus universal.

Temos, assim, a tríade dialéctica deste primeiro momento incoativo, Estêvão — Paulo — Cristo, sendo Cristo a síntese de morte-vida que as outras duas figuras representam. Não se trata, portanto, de analisar uma determinada etapa da biografia de Paulo, mas de referenciar, a partir do momento inicial de um processo de conversão nunca completo, o significado do «crime» e a sua leitura em chave teológica. «Crime» que não existe separado, embora distinguível, da sua superação no acto evangelizador subsequente à conversão de Damasco.

⁶⁸ *Ibid.*, p. 12.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 34.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 39: «Dos seus tempos de escolar ao primeiro mártir, de 24 a 37, medeia uma faixa escura, sem uma frase escrita, ou, antes, com as letras invisíveis».

⁷¹ *Ibid.*, p. 36.

⁷² *Ibid.*, p. 38.

⁷³ *Ibid.*, p. 37.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 37.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 58; cf. também p. 214.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 276.

A hora do martírio de Estêvão é, segundo Pascoaes, «a hora sublime do Pecado»⁷⁷. E já por esta adjectivação e pela grandiloquência da maiúscula, se adivinha um sentido sibilino. Do corpo do mártir, deriva um «clarão sangrento»⁷⁸ que, de facto, se não distingue daquele que o cega na estrada de Damasco⁷⁹. «Desde a execução de Estêvão, há dois princípios em luta dentro dele [Paulo]: o passado e o futuro, Jeová e Cristo, a Lei e a Graça»⁸⁰. E esta «luta» está expressa no «sangue»: «Estêvão e Jesus confundem-se no mesmo espectro divino. O sangue de Estêvão e o de Cristo manam-lhe da mesma ferida aberta no coração»⁸¹.

Que significa esta «ferida» senão a ruptura com a Antiga Aliança, donde mana um tríplice sangue (Estêvão-Paulo-Cristo) na consciência de um crime cometido?

Paulo, assumindo a responsabilidade por um crime particular, como é o da lapidação de Estêvão, recebe, pelo sangue que lhe advém dessa ferida concreta, fruto do Deus da sua vítima, um princípio de graça. E nessa graça ele descobre o crime, por excelência, o «Pecado» do Deus criador, próprio do Antigo Testamento, da Lei. Cristo, o Cristo glorioso que lhe apareceu na estrada de Damasco, está já presente nessa consciência dolorosa. O sangue do mártir é o sangue do próprio Deus, do Pai. Matando Estêvão, Paulo mata em si próprio o Deus do judaísmo oficial que até aí professara zelosamente. O «espectro divino», de que fala Pascoaes, é a Lei na sua função de morte e de calvário. Este calvário, experienciado pelo homem desde a origem do mundo — Deus «fez o mundo para calvário e o homem para a cruz e para cruz»⁸² — exige uma «Vítima redentora»⁸³ que será o Filho, «o remorso de Deus»⁸⁴.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 40: «A sua hora aproxima-se, a hora do martírio de Estêvão, a hora sublime do Pecado. É Saulo de Tarso, o apóstolo dos gentios, quer dizer, da Humanidade».

⁷⁸ *Ibid.*, p. 41: «A faixa escura (de 24 a 37, ano do nascimento de Nero) termina, de repente, num clarão sangrento, emanado do corpo de Estêvão, sob as pedras dos carrascos. E nessa luz rubra se destaca o perfil judaico de Saulo, a arder em febre».

⁷⁹ *Ibid.*, p. 155: «Cristo ou Estêvão? São duas imagens num só relâmpago, o mesmo que o lançou por terra, na estrada de Damasco, a estrada mais célebre do Cosmos, depois da Via Láctea».

⁸⁰ *Ibid.*, p. 47.

⁸¹ *Ibid.*, p. 138.

⁸² *Ibid.*, p. 323: «A dor tentou o próprio Deus, que fez o mundo para calvário e o homem para a cruz e para cruz. Não está, no homem, crucificada a Natureza? Nele é que ela sofre, e ama, e se transfigurou em Cristo. Por isso, a cruz abrange todo o espaço, esartejando a esfera universal». Cf. também p. 261: «Onde houver uma cruz é Calvário, e toda a chaga é carne de Cristo».

⁸³ *Ibid.*, p. 75.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 15.

Que trouxe para Paulo a realização do seu acto criminoso? ou a repetição, à sua escala humana, do único acto criminoso? «O crime deu-lhe o conhecimento da Origem; (...) deu-lhe asas para subir ao Paraíso»⁸⁵. Repete, assim, na sua carne, a experiência do primeiro homem e, nele, de todo o povo de Israel. Podemos dizer que, no brevíssimo período que medeia entre a lapidação de Estêvão e a conversão de Damasco (da Primavera ao pleno Verão do ano 37), Pascoaes figura, no duelo íntimo de Paulo, todo o drama da velha humanidade. E é por isso que Paulo é o «Homem»⁸⁶ no evoluir concreto das situações históricas, entre o pecado original e o advento salvífico de Jesus. Ele é um resumo de judaísmo e paganismos, ao mesmo tempo.

«Paulo, antes de tudo, é um trágico intérprete da Vida. A vida é crime, pecado, que só a morte redime e purifica»⁸⁷. O pecado «preside à origem das coisas e dos seres»⁸⁸. Paulo tem que experimentar essa origem, participar no «Calvário infinito»⁸⁹ que medeia entre Deus e Jesus. Chega ao Paraíso, «através do Inferno»⁹⁰ e, nele, ao próprio Deus.

Isto é: Paulo vive, como os Profetas, «a imperfeição da criatura ou o Pecado original»⁹¹. No seu crime, realiza vivencialmente, o abandono infinito da criatura deixada no pecado que a Lei agudizara. A criação inteira geme despossuída, distante do Pai,

⁸⁵ *Ibid.*, p. 23.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 210: «E ele [Paulo] é mais do que um homem, — é o Homem, um ser sobrenatural. Encarar com o Homem é como ver Deus, face a face, porque Deus está no Homem, embora não esteja nos homens. Por isso, Jesus se dizia filho do Homem, como a Árvore é filha das árvores...».

⁸⁷ *Ibid.*, p. 130.

⁸⁸ *Ibid.*, p. 192: «O pecado é mais divino que a inocência. Preside à origem das coisas e dos seres».

⁸⁹ *Ibid.*, p. 265: «Paulo, necessitando de adaptar Deus ao mundo, apresentou-o como guia moral ou protótipo. Assim, o homem, de origem criminosa ou desarmoniosa, tende para um fim harmonioso. Saído imperfeito das mãos do Criador, alcançará, em Jesus Cristo, a perfeição, porque o Filho corrige o Pai. Entre o Pai e o Filho, há um estado de luta que não finda. Entre Deus e Jesus medeia um Calvário infinito. O Pai abandonou o Filho. Mas a Humanidade está com o Filho; e o velho Pai de Israel anda, como perdido, nos fragaredos do Sinai».

⁹⁰ *Ibid.*, p. 327: «O caminho do Paraíso é através do Inferno»; cf. também p. 329: «Tudo o que for possível, no inferno, é possível neste mundo. E, por isso, o inferno e o mundo se confundem. Creio mesmo que o inferno é uma cópia do mundo, já arrefecida».

⁹¹ *Ibid.*, pp. 59-60: «Sentiram [os Profetas de Iavê], de tal modo, a imperfeição da criatura ou o Pecado original, que visionaram um Redentor. Deus tinha de corrigir a sua obra, por intermédio dum Enviado. Confiaram na justiça divina; e esta confiança é o próprio dom da Profecia».

Creemos ter esclarecido o significado da palavra «crime» no *São Paulo*: é muitas vezes simplesmente sinónimo de pecado; outras, quer dizer «pecado original»; finalmente, significa ainda «criação» e Antigo Testamento. Toda esta polissemia é transferida para o seio do Deus criador. Dá-se uma espécie de extrapolação projectiva de um sentimento profundo de abandono. Não nos parece exagerado falar de «mística negativa», em que o homem experimenta o vazio absoluto do seu ser na consciência de pecado. Sente-se abandonado por Alguém que não é capaz de reencontrar pelas suas próprias forças. É uma saudade da Origem e, por aí, uma experiência fecundante.

O «crime» de Paulo na lapidação de Estêvão, está a representar tudo isto. O cair na conta deste «crime», é já um princípio de conversão, um apelo confuso, na consciência dilacerada, para que Deus nos dê a graça do seu perdão.

2. *A conversão ou o «remorso»*

«Saulo não descansa. Arde num excesso de furor, em que se vai queimando a sua herança. Quem arde é o judeu, para ficar intacto o apóstolo de Cristo»⁹². Quando, neste «excesso de furor», se precipita na direcção de Damasco, «presente que vai ser outro, esse *outro* que ele já era, em regiões distantes e confusas»⁹³. Ao sol do meio-dia, «o facho acende-se, em pleno azul»⁹⁴. «Foi Jesus que veio ao seu encontro, quando ele, Saulo, caminhava contra Jesus. Toparam-se os dois, numa estrada, e nunca mais se afastaram. Paulo será por Jesus, como até ali o combatera: apaixonadamente»⁹⁵. «Paulo morreu judeu e ressurgiu homem»⁹⁶. «O abalo sobrenatural aniquilou-o, para fazer dele um outro homem, — o Homem»⁹⁷.

Embora Pascoaes afirme que a cena da estrada de Damasco «demonstra a inspiração divina do apóstolo, a força sobrenatural que o animava»⁹⁸, como se se tratasse somente de uma projecção do seu espírito febril, não podemos deixar de considerar também

⁹² *Ibid.*, p. 45.

⁹³ *Ibid.*, p. 48.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 49.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 53.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 52.

⁹⁷ *Ibid.*, p. 50.

⁹⁸ *Ibid.*, p. 50.

o outro aspecto, isto é, o «grito de Deus implorativo»⁹⁹, «o mais surpreendente dos milagres» que se despenha do céu aberto, como torrente de luz: «Que outros ouvidos foram abalados pela súplica dum Deus aflito? Que outro homem a quem Deus pedisse misericórdia?»¹⁰⁰.

A conversão é um encontro de regeneração, um novo nascimento; Paulo reconhece-se «recém-nascido, transfigurado, possesso dum novo Deus»¹⁰¹. Não existe um corte absoluto com o passado, ao nível da psicologia profunda de Paulo, mas uma consciência esplendorosa da sua própria condição de pecador, na revelação oferecida por Deus. A nova criatura que ele se sente, é percebida por uma nova luz que «princípio a desvendar-lhe o seu íntimo panorama renovado»¹⁰². É a mesma pessoa, antes e depois da conversão, quem encontra finalmente aquele que já nela depositara um princípio de graça, o remorso pelo crime da lapidação de Estêvão.

A partir daquele momento extraordinário, muito concreto, «num dia de Agosto»¹⁰³, do Verão do ano 37, ao meio-dia, Paulo vai crescendo na consciência do remorso redentor que lhe apareceu personalizado em Jesus Cristo. Com efeito, «o remorso é mais do que um anjo condenado às trevas: é Deus baixando às chamas infernais, ardendo, para que se faça claridade, gritando, para que se ouça uma oração, morrendo, para que os mortos ressuscitem»¹⁰⁴.

No «remorso», de que Pascoaes tanto gosta, e a que dá sempre um significado positivo¹⁰⁵, podemos encontrar um valor teológico? Parece-nos que sim. Este «sofrimento de alegria»¹⁰⁶ é a tradução

⁹⁹ *Ibid.*, p. 51: «Dói-lhe a testa no sítio onde o relâmpago lhe bateu; dói-lhe como um sentido que desperta. É um sofrimento aliviante, asa que se fere, libertando-se. Está ainda cego, mas ouve tudo. Aquele grito de Deus implorativo, saído duma torrente de esplendor, afinou-lhe os ouvidos até à audição perfeita e absoluta».

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 50.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 53.

¹⁰² *Ibid.*, p. 51.

¹⁰³ *Ibid.*, p. 46.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 53.

¹⁰⁵ Só em duas passagens o «remorso» parece ter um significado negativo. Na p. 329, onde Pascoaes afirma: «Assim o amor se personalizou em Jesus Cristo, como o remorso em Judas e, em Pedro, o arrependimento»; e na p. 337: «Nero canta o seu remorso enlouquecido, num palco imenso, ornamentado com esculturas e pinturas de Fídias e Apelles...». Mas, na primeira destas citações, o remorso é falso, porque lhe falta o amor e, na segunda, está enlouquecido, invertido, porque carece de consciência.

¹⁰⁶ *São Paulo*, p. 55: «Vê o lugar do suplício de Estêvão, tumba e berço, onde ele, Paulo, faleceu também e ressurgiu. Domina-o um sofrimento de alegria. Há alegria no remorso, como em todo o regresso ao lar paterno».

existencial do acto salvífico de Deus, em Jesus Cristo. Tal como o «crime» significava a «lei», o «remorso» significa a «graça». O remorso não elimina o crime, dá-lhe um carácter positivo; a graça não destrói a natureza, confere-lhe um determinado grau de transcendência.

Podemos talvez pensar ser este termo ambíguo e incompleto. Leonardo Coimbra, colocando-se numa interpretação filosófica, achava preferível falar de «inquietação metafísica, fome de ser»¹⁰⁷. Mas o termo «remorso» tem a vantagem, parece-nos, de sublinhar que já num estádio não tematicamente religioso, como pode ser o da consciência moral, o homem descobre um desejo onnipotente de Deus, uma espécie de «agulhão» que o incita a procurar o objecto infinito do seu desejo. Aliás Leonardo Coimbra acenara para esta explicação: «O remorso de que fala o poeta é a consciência dum amor insuficiente, a marcar em *ausência* um destino que nada de finito pode preencher»¹⁰⁸.

Creemos, contudo, ser já o próprio Pascoaes a lançar a nossa análise nessa direcção. Também aqui, como na experiência do «crime», transfere para Deus o sentimento do remorso, personalizando-o em Jesus Cristo. «Como iludir o enigma da Criação? Como fugir de Deus, se a sua sombra nos persegue, dentro e fora de nós, antes e depois de tudo? Diante de Paulo, essa sombra iluminou-se até o deitar por terra deslumbrado. E nele se introduziu e ficou a ser o espírito de Cristo»¹⁰⁹.

Repare-se no «dentro e fora de nós». É como se Pascoaes dissesse: Deus persegue-nos de tal modo, que não há nada que lhe seja estranho, nem sequer o sentimento da infinita solidão, pois também aí, na sua própria ausência, ele está presente. Como no alto do Calvário, o Pai está presente na morte do seu próprio Filho, o seu remorso de amor. «Quem deterá a fome, a sede, o remorso?»¹¹⁰. É como estancar a fonte primordial, o desejo sempre activo, «a própria essência das coisas e dos seres»¹¹¹. E o Apóstolo, em Damasco, foi tocado, como nenhum outro homem, pela graça da iluminação que resplende visivelmente no rosto de Jesus. E é por isso que «ver Paulo é ver Jesus Cristo, o remorso de Deus feito

¹⁰⁷ Leonardo COIMBRA, «São Paulo de Teixeira de Pascoaes», *Museu* (n.º único), 1934, p. 11.

¹⁰⁸ *Ibid.*, p. 11.

¹⁰⁹ *São Paulo*, pp. 74-75.

¹¹⁰ *Ibid.*, p. 94.

¹¹¹ *Ibid.*, p. 85.

amor de Deus, o Espírito Santo, a Labareda, a Fogueira acesa, no Inverno»¹¹².

Ao longo do *São Paulo*, o remorso adquire, cada vez mais, uma conotação universal, marcado pelo selo da Paixão redentora, da vitória de Jesus¹¹³. Paulo «amava a cruz do remorso, onde Deus, na pessoa do Filho, expiara o Pecado criador»¹¹⁴. Se Deus não tivesse sofrido, pelo remorso do pecado que ele mesmo voluntariamente quis experimentar, fazendo-se criatura, como poderíamos nós eliminar o crime cometido, abandonados, no vazio da angústia, às nossas forças de morte¹¹⁵?

Talvez agora possamos compreender melhor esta página da plena euforia imaginativa de Pascoaes, mas que conserva um significado teológico muito profundo, centralizado precisamente no «remorso»: «Paulo vive nos seus irmãos; e mais ainda em Jesus Cristo. Jesus é ele próprio, a forma ideal do seu remorso. Em homens como este, é fácil um sentimento converter-se em Divindade. E sendo Jesus a dor e o amor de Paulo, é também, por isso mesmo, o enviado do Espírito Santo que, falecido na cruz, reencarnou no grande apóstolo, para agir no mundo e renová-lo»¹¹⁶.

Expliquemos brevemente. Paulo vive realmente naqueles que precisam dele. E mais do que todos, é Deus quem necessita da sua acção evangelizadora. De tal modo, o sentimento de Paulo já não lhe pertence, mas confunde-se com o Espírito Santo (o Espírito de Jesus morto e ressuscitado). O remorso é um sofrimento de amor, em «forma ideal», porque só Deus o pode sossegar numa ressurreição de amor pessoal (Pascoaes fala de «reencarnação»). «A dor do remorso, alcançando a maior altura, doira-se de todo o encanto da inocência: é a alegria da aleluia. A ressurreição é um prodígio da morte»¹¹⁷.

Tocamos, assim, o centro, a redenção, o mistério pascal, em que Deus se reconhece em Jesus Cristo e em todos os mártires

¹¹² *Ibid.*, p. 115.

¹¹³ *Ibid.*, p. 129: «O homem criado à imagem de Deus tem de ser recriado à imagem de Jesus. É a vitória do Filho sobre o Pai, a vitória de Jesus, o deus da paixão de Paulo».

¹¹⁴ *Ibid.*, p. 130.

¹¹⁵ *Ibid.*, pp. 148-149: «O remorso é a lembrança da inocência, mais que a lembrança do crime. Esta lembrança é que nos dói, é a dor verdadeira do remorso, o desejo angustioso, por incapaz, de eliminar o crime cometido: incapaz perante as Euménides, escondidas e sempre à espera de aparecer, na caverna do Areópago; mas não perante Jesus Cristo, amarrado à cruz infamante, coberto de escarros e feridas». Cf. também p. 276.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 203.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 257.

que vieram depois dele¹¹⁸. E, de modo particular, na vida e na morte do seu Apóstolo: «A humildade é a forma piedosa do remorso: remorso de crimes próprios e alheios ou apenas imaginados. A caridade deve ter a mesma origem. A humildade de Paulo abrange a sua vida e a sua morte. Não morreu, à luz do sol; desapareceu humildemente»¹¹⁹.

O remorso é de tal maneira salutar e omnicompreensivo, que até uma figura tão «arrastada pela lama»¹²⁰, como é a rainha Berenice, sugere a Pascoaes este belíssimo comentário: «É fria elegância e inquieta palidez, o corpo e o crime, a alma e o seu remorso disfarçado: chaga viva sob os fios de pérolas ou lágrimas cristalizadas pelo orgulho. Tudo nela é remorso e disfarce, um grito debaixo de água. Todos temos, cá dentro, um recanto escuro, onde choramos, em segredo, o que não podemos confessar. Mas chorar é falar a Deus»¹²¹.

No choro que só Deus ouve, acende-se, no «centro da alma», a paixão do amor: «A imperfeição é eterna, como a dor e o amor. O amor pauliniano é um anjo que se alimenta de lágrimas. O amor platónico é também um anjo, abstracto e deslumbrante, que se alimenta de luz. Encanta, mas não comove. E o homem prefere à beleza a comoção, e o calor à luz. O homem é um animal apaixonado»¹²².

Do crime e do remorso, como superação totalizante, deriva a paixão missionária de Paulo e, nele, do homem universal.

3. A «paixão» missionária

Paulo «vai a caminho do Futuro. Agora não há Judeus, nem Gregos, nem Romanos: há o homem. Não há nações: há o mundo»¹²³. Pascoaes não se preocupa nunca em explicar como se realiza esta passagem do particular para o universal. Essa preocupação é estranha à sua mentalidade. Para ele, é claro que, quando

¹¹⁸ *Ibid.*, p. 289: «Deus reconheceu-se então em Jesus Cristo, feito multidão de mártires, pois o Calvário fora um pequeno ensaio da Tragédia. Reconheceu-se em Jesus Cristo; e no teu remorso, Paulo; na tua alma de flor, Santa Cecília; e em outras santas e santos que repousam nas Catacumbas, com o seu grito de esperança, riscado na tampa tumular».

¹¹⁹ *Ibid.*, pp. 257-258.

¹²⁰ *Ibid.*, p. 232.

¹²¹ *Ibid.*, p. 233.

¹²² *Ibid.*, p. 277.

¹²³ *Ibid.*, p. 52.

Deus intervém na história do homem, o diviniza e, como tal, infunde-lhe um espírito divino de paixão criadora, própria de Deus. A Paixão é a participação real do Espírito Santo (o espírito de Cristo morto e ressuscitado), na existência de Paulo transformada em vida.

Se o «remorso» nos faz, de algum modo, recordar um «crime» cometido, seja ele a morte de Estêvão ou o pecado original; a «paixão» está toda lançada para o futuro, superando a dialéctica passado-presente (crime-remorso), numa dimensão de esperança. Se o remorso apelava para o desejo, a esperança denota a paixão. E neste desejo-esperança está incluída, como síntese divina, a redenção da humanidade. Não se trata já da saudade de um Paraíso Perdido, mas da expansão para um futuro absoluto, realizando-se na Igreja, «o corpo ou a existência de Jesus»¹²⁴, no Cristianismo, «Jesus em multidão»¹²⁵.

Não é para estranhar que Pascoaes contraponha constantemente as figuras de Pedro (juntamente com Tiago) e de Paulo¹²⁶, na linha da teologia da escola de Tubinga, particularmente, de F. C. Baur. Em Pedro e Tiago, vê a futura «petrificação» da Igreja no Catolicismo romano e no Vaticano¹²⁷; em Paulo, «a concepção internacionalista do Cristianismo»¹²⁸. O personagem Tiago é conotado sempre negativamente e mais ainda do que Pedro, porque Tiago tipifica «os fanáticos e os cristãos absolutamente circuncidados»¹²⁹. Contra esta mentalidade mesquinha é que a «energia inesgotável»¹³⁰ de Paulo não descansa, revigorada até pelos seus ataques epilépticos¹³¹ e sobretudo pela sua vontade dominadora, «aquele *sim* do Amor gritado contra todos os *nãos* do egoísmo materialista»¹³².

¹²⁴ *Ibid.*, p. 60. Cf. também p. 188: «A união das criaturas, no amor ou na caridade, será a igreja de Cristo, católica e apostólica; o corpo vivo de Cristo, no mundo».

¹²⁵ *Ibid.*, p. 289.

¹²⁶ *Ibid.*, pp. 56-57; 106; 162-164; 209; 268.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 229: «A sua [de Paulo] recordação é Filipo; a sua esperança é Roma, a cidade das cidades. Pesa-lhe como um sonho monstruoso, no qual se esboça já o Vaticano e a Basílica de S. Pedro, dois calos de Tiago, petrificados em dimensões monumentais».

¹²⁸ *Ibid.*, p. 67.

¹²⁹ *Ibid.*, p. 67; cf. também p. 57.

¹³⁰ *Ibid.*, p. 69: «Enfezado e débil, sente uma energia inesgotável. Deriva-lhe das entranhas do remorso, — do Infinito».

¹³¹ *Ibid.*, pp. 102-103: «Nas crises supremas, Barnabé ampara-lhe o corpo torcido, a estrebuchar, com a boca espumosa, os olhos queimados e perdidos. Desfalece nas garras do demónio. Mas é um doente que encontra a saúde na doença e a força na fraqueza; como encontra o possível no impossível e, no seu humano ser, o ser divino».

¹³² *Ibid.*, p. 22.

A paixão representa, portanto, o dinamismo da graça, a «missão» evangelizadora de Paulo, que lhe provém directamente do Jesus que ele conheceu, «não em presença carnal e transitória, como os outros apóstolos, mas em aparição celeste e deslumbrante»¹³³. «A sua verdade é Jesus Cristo, morto e ressuscitado, que lhe apareceu e falou»¹³⁴. «A sua missão é revelar, a todos, Jesus Cristo, esse fantasma da sua angústia, embebido do espírito divino»¹³⁵.

Não se trata, aqui, de um sonho da fantasia de Paulo (apesar da palavra «fantasma» nos poder induzir a isso), mas de uma realidade existencialmente vivida, que faz parte do seu próprio ser e se confunde praticamente com ele: «Ver Paulo é ver Jesus Cristo»¹³⁶, «uma paixão eterna»¹³⁷. A sua missão não se distingue da sua própria pessoa, do seu destino. Paulo «é o vagabundo e a viagem, o missionário e a missão, o homem de acordo com o seu destino»¹³⁸.

Parece-nos dever realçar esta simbiose de vida, que Pascoaes tanto acentua, pois nela se encontra o carácter principal da paixão de Paulo, ínsito na sua própria carne. «Já não sou eu que vivo, é Cristo quem vive em mim» (*Gál.* 2,20) — para Pascoaes talvez fosse mais de acordo com a visão que ele tem de Paulo, a frase escrita deste modo: «Já não é Cristo quem vive, sou eu que vivo nele».

É do sofrimento, da angústia, que deriva esta «paixão» avassaladora, esta loucura de amor: «A alegria alvora da sua [de Paulo] angústia, dos últimos cumes da sua angústia, atormentados de subir. Mas deles cresce um alvor espiritualizado, aurora espiritualizada, a graça de Deus, precursora do sol de Deus»¹³⁹. Isto é: Pascoaes quase nunca se detém perante a alegria ou a caridade, por exemplo, tomadas em si mesmas. Para ele, o essencial é a esperança, a «alegria da *esperança pauliniana*, que é toda a religião de Cristo»¹⁴⁰. E a paixão é exactamente a criadora da esperança, o dinamismo de graça que torna presente o Reino de Deus, reino

¹³³ *Ibid.*, p. 53.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 79.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 123.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 115.

¹³⁷ *Ibid.*, p. 122: «Abrasa-o uma aflição eterna, — as suas igrejas, uma paixão eterna, — Jesus Cristo».

¹³⁸ *Ibid.*, p. 125.

¹³⁹ *Ibid.*, p. 139.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 157.

do futuro do Homem. Paulo nunca está parado, é «incompatível com a paz e o sossego»¹⁴¹, sempre de partida, vai «na onda da esperança»¹⁴². «A esperança, como primeira virtude religiosa, é a criação mais bela de S. Paulo. Depois do apóstolo, a esperança é pauliniana. Essa estrela do futuro foi ele que a acendeu»¹⁴³.

Mas em que consiste esta esperança, que se confunde com o Cristianismo? «Consiste em criar o Homem nos homens»¹⁴⁴. E o Homem é Paulo sobrenaturalizado¹⁴⁵, porque lhe apareceu e nele vive Jesus, aquele que é verdadeiramente «o Filho do homem, o Homem, porque nele todos os homens se elevam à mesma altura»¹⁴⁶. É no sentimento da Esperança que se revela, de modo particular, a presença de Deus¹⁴⁷ e é nela também que somos imortais¹⁴⁸. Em que se pode resumir o evangelho, a «paixão», a esperança pauliniana? Neste resumo querigmático, por exemplo: «a morte e a ressurreição de Cristo, a justificação pela Fé, a caridade e a graça de Jesus»¹⁴⁹.

Repare-se como Pascoaes escreveu «Cristo» e «Jesus». Também noutros lugares se encontra semelhante distinção¹⁵⁰, mas não nos parece, no entanto, que o Poeta a tenha tematizado para lhe conferir um conteúdo teológico determinado. O mais que se poderia dizer, é que se trata de um aceno ao problema, hoje superado, do «Jesus histórico» e do «Cristo da fé», que ele terá respirado no ar ou recebido em segunda ou terceira mão.

Paulo proclama a esperança no futuro do homem, porque este se encontra, de facto, divinizado. Trata-se de uma esperança exclusi-

¹⁴¹ *Ibid.*, p. 176: «Mas a existência de Paulo não pode decorrer serena muito tempo. Ninguém mais do que ele incompatível com a paz e o sossego; ele que nasceu para a bem-aventurança e a beatitude, para repousar no seio do Senhor».

¹⁴² *Ibid.*, p. 183: «Partir é ir na onda da esperança. Ficar é jazer no mesmo sítio tumular. O lugar em que nos demoramos, toma um aspecto sepulcral e começamos a apodrecer».

¹⁴³ *Ibid.*, p. 188.

¹⁴⁴ *Ibid.*, p. 190. «A acção do Cristianismo consiste em criar o Homem nos homens. Daí a sua verdade imortal».

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 210: «E ele [Paulo] é mais do que um homem, — é o Homem, um ser sobrenatural».

¹⁴⁶ *Ibid.*, p. 90.

¹⁴⁷ *Ibid.*, p. 145: «Se a presença de Deus se revela, de algum modo, é no sentimento da Esperança. É de todos os nossos sentimentos, o mais exterior a nós, o que de mais longe vem. E nada perde da sua frescura e limpidez, na infinita distância percorrida. Parece que o bebemos na própria fonte».

¹⁴⁸ *Ibid.*, p. 145: «Ser imortal é esperar a imortalidade. Esperar em Deus é ser com ele, em toda a sua glória, eternamente».

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 247.

¹⁵⁰ *Ibid.*, pp. 131; 153; 161; 263; 299.

vamente imanente? De modo nenhum. É o Verbo de Deus quem fala nas palavras e nas epístolas de Paulo e por isso as almas vão atrás dele, atrás da Palavra misteriosa, do grito da Verdade que fere de amor os corações¹⁵¹.

A paixão transmite-se porque «não admitimos que o nosso amor não seja amado»¹⁵². Esta paixão, «remorso divinizado»¹⁵³ ou «eterno esforço para cima»¹⁵⁴, porque «cada ser, cada coisa, é além de si»¹⁵⁵, é que fez do Apóstolo, «o enviado da Vida»¹⁵⁶. A Paixão confunde-se, em última análise, com o próprio Deus, o Futuro absoluto, no campo da Esperança¹⁵⁷. Deus é o «centro de atracção misterioso, um sol invisível e remoto, em volta do qual gravitamos, confusos, até sermos atraídos por ele»¹⁵⁸.

Paulo experimenta assim a totalidade da existência, vive lançado para este «centro» polarizador da sua paixão, arrastando após si toda a humanidade, até desaparecer «nas alturas, donde recebera a inspiração»¹⁵⁹.

¹⁵¹ *Ibid.*, p. 267: «Jesus é nele; e, sendo nele, está na terra; o homem também é terra. Aparece-lhe e fala-lhe, a cada instante. Alucinação? Mas a alucinação é uma palavra sem sentido conhecido. Sabemos pronunciar-la, quando muito. Não criamos as palavras. O verbo é que, em nós, se fez palavra. A palavra humana deriva do Verbo divino e toca o silêncio das coisas, mudas, porque disseram tudo. E, porque disseram tudo, são perfeitas no seu recorte definido. A voz só existe nos seres indefinidos ou que têm ainda que dizer. Mas a palavra entoa no silêncio das coisas e torna-se mais profunda. Participa do Silêncio, que a grava, e do Verbo, que a ilumina, como nas epístolas de Paulo. Por isso, as almas vão atrás do apóstolo, atrás da Palavra misteriosa... misteriosa e incandescente: deslumbra e queima. Não é ela o grito da Verdade, a flecha acesa que fere de amor os corações?».

¹⁵² *Ibid.*, p. 273: «Paulo não desiste de mostrar a Luz aos cegos. Se ele a vê, porque é que os outros a não vêem? Se ama Jesus Cristo, como é que os outros o não amam? Não admitimos que o nosso amor não seja amado. Assim a vida se não conforma com a morte».

¹⁵³ *Ibid.*, p. 256: «Sem a força da paixão, que é o seu remorso divinizado, fraquejaria na empresa sublime».

¹⁵⁴ *Ibid.*, p. 275: «Paulo é apóstolo, em virtude dum eterno esforço para cima, para as regiões inefáveis, donde possa contemplar, não a sua imagem, mas a de Cristo».

¹⁵⁵ *Ibid.*, p. 277: «Cada ser, cada coisa, é além de si. Na verdade, tudo é em Deus».

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 255.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 251: «O futuro é o campo da esperança; e, em esperança, é que Deus existe e a ressurreição e a salvação. O futuro é o reino de Deus». Cf. também p. 245: «O futuro não é dos deuses de Homero; é do Deus de Paulo».

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. 179.

¹⁵⁹ *Ibid.*, p. 342: «Paulo não podia morrer, como Pedro. Desapareceu nas alturas, donde recebera a inspiração. O seu amor a Jesus Cristo alcançou a Eternidade e todos os atributos de Deus. Paulo é imortal em Jesus Cristo. Não morreu, desapareceu».

Conclusão

1. *Remorso e religião cristã*

No *São Paulo* de Pascoaes, a religião cristã é vista na perspectiva do remorso. Ao contrário das antigas religiões pagãs (e do positivismo científico dos nossos dias, contra o qual Pascoaes escreve), encontramos-nos perante o acto salvífico de Deus realizado em Jesus Cristo, perante a intervenção de um Deus que não é já fruto do poder efabulante do homem, mas absoluta novidade de amor, «um Deus morrendo, coberto de chagas, ressuscitando, coroado de estrelas, — um Deus de carne mortal que vence a morte»¹⁶⁰.

O acto salvífico de Deus não é expresso apenas no mistério pascal de Cristo, mas flui, desde o pecado do primeiro Adão, ao longo de todo o Antigo Testamento, visando a história concreta de Jesus e prolongando-se, depois dele, na Igreja, até à Parusia gloriosa do Filho de Deus. Ora, o remorso, colocado por Pascoaes no seio do Deus da criação material, revela isto mesmo. Deus estabelece, na sua vontade livre, recriar a humanidade decaída pelo pecado original. O homem experimenta a memória angustiosa de uma queda primigénia, imputável a um tempo indefinido, como raiz actual do seu estado de abandono. A experiência imediata que ele sente, não é a da salvação, mas a do crime, a desordem caótica do universo, deixado como que sem abertura, numa Lei escravizante, dom do próprio Deus. Neste dom, paradoxalmente, o homem sente ainda mais a sua angústia e, ao mesmo tempo, o desejo de um perdão libertador. É esta a consciência do «remorso» e o seu reflexo, por linhas tortas, em Jesus Cristo, o «remorso de Deus».

As duas grandes direcções da História, remorso do homem e remorso de Deus, encontram-se no alto do Calvário e, a partir deste momento, o remorso do homem torna-se divino, porque o próprio Filho de Deus rompe a barreira intransponível da Lei, insuflando-lhe o Espírito que lhe mana da ferida do coração. É o crime que está crucificado em Cristo e da sua morte redentora nasce a Esperança do homem renovado.

¹⁶⁰ *Ibid.*, pp. 299-300.

2. Pecado, Graça e Justificação

É esta a perspectiva teológica que informa o *São Paulo* de Pascoaes. Paulo pertence aos dois Testamentos, à velha e à nova humanidade; faz a ponte do homem sem Deus («crime») para o tempo do homem com Deus («religião cristã»); instaura, na terra, o dinamismo da graça que com ele se conaturaliza, pela conversão na estrada de Damasco. A obra de Cristo ficaria incompleta sem a obra de Paulo («paixão» missionária).

Deus precisa da sua criatura para actuar no mundo do pecado. O «remorso» é já um princípio de graça no seio do crime que é a vida humana deixada a si própria. Mas podemos dizer que Deus nunca abandona definitivamente a sua criatura. Doutro modo, seria o aniquilamento. É preciso, no entanto, que o homem experimente o «nada», cometa o pecado, para chorar o remorso redentor e, nesse choro, encontrar a esperança da ressurreição. O pecado (a Dor, como Pascoaes gosta de escrever) está na origem de tudo, porque esta origem é o «nada» experimentado pelo homem no pecado do 1.º Adão. A super-abundância de graça dada em Jesus, 2.º Adão, morto e ressuscitado, foi, digamos assim, canalizada por Paulo, na consciência que ele teve, pela sua conversão, do Remorso redentor (o próprio Cristo feito pecado), que salva a humanidade.

Talvez possamos resumir tudo o que acabamos de dizer, num breve comentário a 1 *Corint.* 15, 9-10: «Eu sou, de facto, o mínimo dos apóstolos, não estou à altura sequer de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus; mas por causa da benevolência de Deus (= graça = χάρις) sou o que sou. E a sua benevolência para comigo não foi inútil, mas tenho trabalhado mais do que todos eles, não eu, mas a benevolência de Deus comigo».

Neste texto, «Paulo encontra-se como que dividido entre a consciência da sua indignidade [do seu «crime», diria Pascoaes] (...) e a consciência não menos clara de ser plenamente apóstolo [da sua «paixão», no sentido de Pascoaes]. O contraste é superado pela χάρις criativa de Deus: a 'benevolência activa' [o «remorso redentor»] que se antecipou a Paulo e o tornou apóstolo (cf. especialmente *Gál.* 1, 15-16) e o acompanha agora nos seus trabalhos apostólicos ('comigo', σὺν ἐμοί)»¹⁶¹.

¹⁶¹ Ugo VANNI, S. J., *Il «Corpus Paulinum»: saggi esegetici, lineamenti di teologia biblica e attualizzazione ermeneutica* (Traccia delle lezioni ad uso degli studenti), Pontificia Università Gregoriana, Roma, Anno Accademico 1975-1976, p. 41.

O «pecado» (ἁμαρτία), em Paulo, é visto, como o «crime», em Pascoaes, na sua dimensão total, abrangendo todas as manifestações humanas. A antítese salvífica perante este estado, a «justificação» (δικαιοσύνη) realizada por meio da fé em Jesus Cristo, requer, da parte do homem, uma abertura que é, exactamente, o contrário do pecado. Esta abertura de fé, fruto da benevolência divina, é preenchida até atingir aquele grau de equilíbrio entre a fórmula estabelecida por Deus (Jesus morto e ressuscitado) e a sua actualização concreta.

A «abertura de fé» é chamada, no *São Paulo* de Pascoaes, «remorso»; a «benevolência activa» de Deus para com o homem, a χάρις (= graça) paulina, é identificada também por Pascoaes ao «remorso de Deus». O remorso do homem, a fé, e o remorso de Deus, a graça de Jesus Cristo, encontram-se na «justificação» que pode ser traduzida, em termos do *São Paulo* de Pascoaes, pela palavra «paixão». O homem é um «animal apaixonado», isto é, um ser justificado que, em virtude do acto salvífico de Deus, foi marcado, na sua própria carne, por uma «expressão concreta», ὁμολώμα¹⁶², que o associa à morte-ressurreição de Cristo. Ele pode assim realizar existencialmente a figura do Filho Unigénito, em qualquer situação do tempo e do espaço.

3. Paulo, o homem justificado

Pode ter dado a impressão que as três figuras, crime-remorso-paixão, que demarcam os momentos principais do itinerário religioso de Paulo, estejam em contradição com a evolução de Pascoaes, como deixámos referido, na 1.ª Parte. E de facto assim é. Insistimos, no entanto, que não se trata, no caso de Paulo, de um processo histórico-biográfico (a modo da «Jesusforschung»), nem tão pouco, talvez, de uma perspectiva consciente de Pascoaes, aquela que nós utilizámos.

Visto a conotação positiva que a palavra «remorso» adquire, deve ler-se o momento antecedente à conversão («remorso de») em chave prevalentemente negativa («crime»); e o momento subsequente («remorso para») emerge, assim, da síntese negatividade-

¹⁶² Ugo VANNI, S.J., «Ὁμολώμα in Paulo (Rom 1,23; 5,14; 6,15; 8,2; Fil 2,7)», *Gregorianum*, 58 (Roma, 1977), pp. 321-345 e 431-469 (especialmente 468-469).

-positividade («paixão») dos dois momentos anteriores tomados em conjunto («remorso do crime»).

Contudo, é a nota de negatividade, contida na «paixão», que se vai clarificando, nas grandes biografias, sucessivas ao *São Paulo*, até atingir, no *Santo Agostinho*, um vínculo quase universalmente paradigmático da existência do homem sobre a terra. Isto é: na análise da «esperança pauliniana», acentua-se, cada vez mais, a dimensão da ausência, do «ainda não», que absorve a dimensão da presença, do «já». O homem acabará por definir-se «um animal falhado»¹⁶³, muito longe do «animal apaixonado»¹⁶⁴ do *São Paulo*.

Paulo vive, na tensão dialéctica que o caracteriza, a dimensão totalizante da esperança, no equilíbrio da graça-justificação. Nas biografias posteriores, Jerónimo é visto sob a categoria da «simpatia»¹⁶⁵, como se esta fosse a face lírica da paixão; mas Napoleão, Camilo e Agostinho, reverterem progressivamente para o crime-remorso, num retrocesso intelectual e religioso, que é uma verdadeira involução.

Se Pascoaes adere, na «paixão» missionária de Paulo, à Esperança transcendente, recua depois para o campo dos que a rejeitam, situando-se ao nível de um futuro puramente imanente. O *São Paulo* permanece, pois, no conjunto da bibliografia de Pascoaes, como a «obra-prima», o momento por excelência do equilíbrio humano-religioso do seu autor.

Paulo é a «expressão concreta» (ὁμοίωμα) plena, existencialmente realizada, do homem justificado, o cristão, no sentido mais cabal da palavra: «O grande apóstolo interpretou a Verdade, porque se tornou sensível à onda espiritual emanada do Além. Recebeu o Espírito divino, que se fez redentor, em Jesus Cristo, como o crime se faz remorso e a dor amor. Esse Espírito, pressentido por Anaxágoras, sentido por Sócrates, cantado pelo Salmista, introduziu-se no coração de Paulo e aparece, nas suas epístolas e discursos, tão evidente como se aparecesse, em corpo, sobre a terra, e lhe batesse, na cara, a luz do Sol»¹⁶⁶.

¹⁶³ *Santo Agostinho*, p. 182. Cf. nota 53.

¹⁶⁴ *São Paulo*, p. 277. Cf. nota 122.

¹⁶⁵ *S. Jerónimo e a trovoadá*, p. 9: «Como Paulo é da minha paixão, Jerónimo é da minha simpatia».

¹⁶⁶ *São Paulo*, pp. 336-337.

Bibliografia

- I. *Texto-base*: TEIXEIRA DE PASCOES, *São Paulo*, Ática, Lisboa, 1959².
- II. Livros, artigos e correspondência de TEIXEIRA DE PASCOES citados, por ordem de aparição no texto:
 - *Os poetas lusíadas*, Tipografia Costa Carregal, Porto, 1919.
 - «Correspondência a Suzanne Jusse», *Seara Nova*, 1966, pp. 54-55; 86-87; 118-119; 188-189.
 - *Cartas a uma Poetisa* (inédito).
 - *S. Jerónimo e a trovoada*, Livraria Lello & Irmão, Editores, Porto, 1936.
 - *Conferência*, Tipografia «Flor do Tâmega», Amarante, 1922.
 - *O homem universal*, Edições Europa, Lisboa, 1937.
 - «Correspondência ao P. António de Magalhães, S. J.», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 29 (1973), pp. 157-164.
 - *Arte de ser português*, ed. da «Renascença Portuguesa», Porto, 1915.
 - «Resposta ao artigo 'Filosofando' de J. L.», *A Vida*, Porto, 18-8-1907.
 - *Epistolário ibérico (cartas de Pascoaes e Unamuno)*, ed. da Câmara Municipal de Nova Lisboa, 1957
 - *O bailado*, vol. VIII da edição das *Obras completas*, a cargo de J. DO PRADO COELHO, Bertrand, Lisboa, 1973.
 - *O pobre tolo* (versão em prosa), vol. IX da edição das *Obras completas*, a cargo de J. DO PRADO COELHO, Bertrand, Lisboa, 1973.
 - «Correspondência familiar», M. da Glória TEIXEIRA DE VASCONCELLOS, *Olhando para trás, vejo Pascoaes*, Livraria Portugal, Lisboa, 1971, pp. 115-185.
 - «A nossa fome», *Poesia de Teixeira de Pascoaes*, edição de M. CESARINY, Estúdios Cor, Lisboa, 1972, pp. 157-165.
 - *O génio português, na sua expressão filosófica, poética e religiosa*, ed. da «Renascença Portuguesa», Porto, 1913.
 - *A era lusíada*, ed. da «Renascença Portuguesa», Porto, 1914.
 - «A velhice do Poeta», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 29 (1973), pp. 123-136.
 - *Napoleão*, Livraria Tavares Martins, Porto, 1940.
 - *O penitente (Camilo Castelo Branco)*, Livraria Latina Editora, Porto, 1942.
 - *Santo Agostinho*, Livraria Civilização, Porto, 1945.
 - *Duplo passeio*, Tipografia Civilização, Porto, 1942. Incluído no vol. X da ed. das *Obras Completas*, Bertrand, Lisboa, 1975.
 - «Carta de Pascoaes a Bernardo de Vasconcelos», *Brotéria*, 56 (1953), pp. 166-167.

III. Livros e artigos sobre Teixeira de Pascoaes citados, por ordem de aparição no texto:

- M. da Glória TEIXEIRA DE VASCONCELLOS, *Olhando para trás, vejo Pascoaes*, Livraria Portugal, Lisboa, 1971.
- M. GARCIA, *Teixeira de Pascoaes. Contribuição para o estudo da sua personalidade e para a leitura crítica da sua obra*, Publicações da Faculdade de Filosofia, Braga, 1976.
- A. DE MAGALHÃES, «Visita a Pascoaes», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 29 (1973), pp. 167-168.
- Leonardo COIMBRA, «São Paulo de Teixeira de Pascoaes», *Museu* (n.º único), 1934, pp. 7-20.
- João MENDES, «Teixeira de Pascoaes e o sentimento religioso da sua obra», *Brotéria*, 56 (1953), pp. 99-105.
- João MENDES, «S. Jerónimo e a trovoadas», *Brotéria*, 23 (1936), pp. 221-230.
- João MENDES, «Santo Agostinho ou Teixeira de Pascoaes?», *Brotéria*, 41 (1945), pp. 519-525.

IV. Outros livros e artigos, com certo interesse para o nosso tema:

- Manuel ANTUNES, «Três poetas do sagrado — Pascoaes, Pessoa, Régio», *Brotéria*, 65 (1957), pp. 42-61.
- Amorim DE CARVALHO, *Deus e o Homem na poesia e na filosofia*, Livr. Figueirinhas, Porto, 1959, pp. 57-67.
- Joaquim DE CARVALHO, «Reflexões sobre Teixeira de Pascoaes», *Arquivos do Centro Cultural Português*, IX, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1975, pp. 639-655.
- Júlio Sinde Martins DE CARVALHO, *Roteiro filosófico para o universo de Teixeira de Pascoaes*, tese de Licenciatura em Filologia Românica, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1972 (inédito).
- Lúcio CRAVEIRO DA SILVA, «Filosofia portuguesa actual (esboço histórico-valorativo)», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 14 (1958), pp. 397-417.
- ID., «Filosofia em Teixeira de Pascoaes», *ibid.*, 34 (1978), pp. 51-58.
- João FERREIRA, «A ideia de Deus em Teixeira de Pascoaes», *Diário de Notícias*, Lisboa, 24/1/1963.
- Mário GARCIA, «Teixeira de Pascoaes», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 29 (1973), pp. 113-122.
- António DE MAGALHÃES, «São Paulo, Teixeira de Pascoaes e a Crítica», *Brotéria* 19 (1934), pp. 184-190.
- ID., «Na morte de Teixeira de Pascoaes», *ibid.*, 56 (1953), pp. 155-169.

- ID., «Teixeira de Pascoaes — a árvore da Cruz numa floresta de poesia», separata de *Magnificat*, Porto, Maio-Junho, 1953.
- ID., «'Napoleão' de Teixeira de Pascoaes», *Brotéria*, 32 (1941), pp. 503-506.
- ID., «Para a compreensão de Teixeira de Pascoaes», *Revista Portuguesa de Filosofia*, 9 (1953), pp. 278-285.
- ID., «O poeta-filósofo Teixeira de Pascoaes», *ibid.*, 16 (1960), pp. 174-184.
- Manuel da Cruz MALPIQUE, «O bifrontismo de Teixeira de Pascoaes no problema de Deus», *Labor* 18 (1953-1954), pp. 155-166; 251-259.
- ID., «Teixeira de Pascoaes, biógrafo», *Ocidente*, 57 (1960), pp. 115-119.
- Alfredo MARGARIDO, *Teixeira de Pascoaes — a obra e o homem*, Arcádia, Lisboa, 1961.
- ID., «Marânus: uma linguagem poética quase niilista», *Arquivos do Centro Cultural Português*, vol. X, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1976, pp. 607-629.
- Abílio MARTINS, «A filosofia de Teixeira de Pascoaes», *Brotéria*, 34 (1942), pp. 51-64.
- Mário MARTINS, «No centenário de Teixeira de Pascoaes», *Colóquio/Letras*, n.º 40, Nov. 1977, pp. 72-74.
- ID., «No centenário de Teixeira de Pascoaes», *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa* (Classe de Letras), tomo XIX, Lisboa, 1978, pp. 383-398.
- Mário de Sousa Gomes OLIVEIRA, *Homem-Saudade em Teixeira de Pascoaes*, tese de Licenciatura apresentada à Faculdade de Filosofia de Braga, 1963 (inédito).
- Manuel José Cortes ROSA, «A poesia de Teixeira de Pascoaes» (introdução de António de MAGALHÃES), separata de *O Nosso Colégio*, Caldas da Saúde, 1953.
- Ilídio SARDOEIRA, «Como trabalhava Pascoaes», *Vértice*, 13 (1953), pp. 181-184.
- Alexandre Pinheiro TORRES, «O platonismo explícito de Teixeira de Pascoaes», *Jornal de Letras e Artes*, 21/3/1962.
- Miguel de UNAMUNO, «San Pablo y abre España!», prefácio da edição espanhola do *São Paulo*, Barcelona, 1935. Traduzido para português na revista *Vértice*, 13 (1953), pp. 175-178.